

## EXPERIMENTAÇÕES COM A LITERATURA E A ESCRITA: OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA

Luciene Silva dos SANTOS  
IFSul – Instituto Federal Sul-rio-grandense *campus* Pelotas  
Email: lscoelho@hotmail.com

**Resumo:** Nossa proposta de trabalho tem como objetivo trazer os processos de subjetivação de uma professora através das experimentações no sentido que Jorge Larrosa ensina, com a literatura, a escrita nos *Tumblrs* e com os outros artefatos (aula, seminário, biblioteca, vídeo). Essas experimentações podem afetar a formação de um professor, potencializando seus modos de pensar sua prática: “práticas de si”, conforme Foucault desenvolveu. Algumas problematizações envolvem estudos de virtualidade e possíveis consequências, tais como a atratividade e a possibilidade de inserção dos *Tumblrs* na educação, onde o fator do que pode ser considerado não-escolar é também provocador, uma vez que o problema de pesquisa foi elaborado partindo desta inquietação. Para a concretude da proposta o método de pesquisa escolhido é a Cartografia, pressupondo que tudo é processual, sendo essa uma das pistas, segundo Kastrup, que nos fez repensar a dissertação ao longo da sua escrita para articular neste rizoma de escrita e pensamento. Para nossa proposta fomos em busca de intercessores das Filosofias da Diferença, da Experiência, da Formação, do Virtual, do Método Cartográfico e da Literatura para criar pensamento, pois acreditamos que o experimentar artefatos pode tornar-se um caminho de possível aproximação e inserção no fazer acadêmico, um fazer que pensa em criação. Durante o processo a literatura tornou-se um importante modo de criar pensamentos e dobras provocadas pelas experimentações de uma escrita lírica que se potencializa através da poesia e de obras literárias fazendo fundir-se com alguns fragmentos de obras, desestabilizando algumas estruturas gramaticais ao longo da pesquisa.

**Palavras-chaves:** cartografia; escrita lírica; experiência; literatura; processos de subjetivação.

**Resumen:** Nuestra propuesta de trabajo tiene como objetivo traer los procesos de subjetivación de una profesora a través de las experimentaciones en el sentido que Jorge Larrosa enseña, con la literatura, la escritura en los *Tumbls* y con los otros artefactos (clase, seminario, biblioteca, video). Esas experimentaciones pueden afectar la formación de un profesor, potencializando sus modos de pensar su práctica: “prácticas de sí” conforme Foucault lo desarrolló. Algunas problematizaciones envuelven estudios de virtualidad y

posibles consecuencias tales como la atraktividad y la posibilidad de inserción de los *Tumbrls* en la educación, donde el factor de lo que puede ser considerado no escolar es también provocador, una vez que el problema de investigación fue elaborado partiendo de esta inquietud.

Para la concreción de la propuesta el método de investigación escogido es la Cartografía, presuponiendo que todo es procesual, siendo esa una de las pistas, según Kastrup, que nos hizo repensar la disertación a lo largo de su escritura para articular en este rizoma de escritura y pensamiento. Para nuestra propuesta fuimos en busca de intercesores de las Filosofías de la Diferencia, de la Experiencia, de la Formación, de lo virtual, del Método Cartográfico y de la Literatura para crear pensamiento, pues creemos que el experimentar artefactos puede volverse un camino de posible aproximación e inserción en el hacer académico, un hacer que piensa en creación. Durante el proceso la literatura se volvió un importante modo de crear pensamientos y dobleces provocados por las experimentaciones de una escritura lírica que se potencializa a través de la poesía y de obras literarias fundiéndose con algunos fragmentos de obras, desestabilizando algunas estructuras gramaticales a lo largo de la investigación.

**Palabras claves:** cartografía; escritura lírica; experiência; literatura; procesos de subjetivación.

### **...cartografando: um modo de experimentar a vida**

O cartógrafo fica achando aquilo tudo muito estranho. De novo, alguém, convictamente, lhe explica que só assim pessoas e coisas podem se deslocar e render sem prejudicar a boa funcionalidade do todo. (ROLNIK, 2014, p.92)

Era para ser uma citação e me pareceu melhor fazer parecer um elo entre a autora e você, leitor. Pois foi assim que tudo começou. Foi tudo um estranhamento quando minhas alunas vieram contar suas peripécias cibernéticas. Contar que estavam brincando de diário nos *Tumbrls* e que ali estavam descobrindo um novo universo. Um novo encantamento. Para alguns talvez seja um tema de pesquisa um tanto quanto obsoleto, para mim um mundo de descobertas constantes. Uma geografia de encontros provocados por bilhetes e dicas dessas adolescentes que me proporciona buscar autores distintos para entender este problema de pesquisa: que também consiste em aproveitar o universo não-escolar no universo escolar enquanto prática e formação de professores.

E assim, ia em busca de textos para que assim construíssem suas outras subjetividades e construíssem seus saberes. Tarefa nada fácil, pois nem sempre há disposição para entrar em contato com opiniões contrárias a nossa; mas essa era a proposta: pensarmos em diversos tópicos sobre o mesmo assunto. Lembro com carinho do dia em que levei o filme *Coco* antes de Chanel para a sala de aula: o assunto era a condição da mulher na sociedade, e para isso pensei neste artefato para problematizar a evolução feminina. Foi transformador para mim e para eles (era uma turma do Terceiro ano do Ensino Médio). Já não era mais a mesma. Ser outra pode ser apavorante e fascinante. Estar em construção com eles é uma experiência potente, parece estarmos numa constante transformação. Segundo Deleuze (2005), ao escrever sobre a obra de Foucault, nos diz que

O que é preciso colocar, então, é que a subjetivação, a relação consigo, não deixa de se fazer, mas se metamorfoseando, mudando de modo, a ponto do modo grego tornar-se uma lembrança bem longínqua. Recuperada pelas relações de poder, pelas relações de saber, a relação consigo não para de renascer, em outros lugares e em outras formas. (p.111)

Pensando assim, há um processo de subjetivação – um criar novo pensamento – presente nesse processo de ensino-aprendizagem: tanto nos alunos quanto na professora. Eles são afetados pelos artefatos apresentados por mim em sala de aula na construção de novos conhecimentos – ou outros conhecimentos – assim como eu me transformo em contato com eles. Seja no real, seja no digital, onde as fronteiras misturam-se e diluem-se.

A escolha do tema de pesquisa dá-se também com os *Tumblrs* (plataforma digital criada em 2007 que permite a inserção e criação de textos, músicas, vídeos, citações e áudios). Percebi que era um artefato utilizado pelos alunos – na maior parte meninas – para expressarem suas subjetividades. Uma outra linguagem, uma outra expressão de intimidade<sup>1</sup>. Partimos daqui e ao longo do processo de escrita a dissertação foi navegando também por outros caminhos, como afluentes de um rio. E nesse processo de subjetivação vou me

---

<sup>1</sup> SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

reconstruindo, vou construindo um outro “eu”, uns outros “eus”, de acordo com as movimentações digitais e a vida que

Sendo condições, elas<sup>2</sup> não variam historicamente, mas variam *com* a história. O que elas apresentam, com efeito, é a maneira através da qual o problema se coloca em tal formação histórica: que posso eu saber, ou que posso ver e enunciar em tais condições de luz e de linguagem? Que posso fazer, a que poder visar e que resistências opor? Que posso ser, de que dobras me cercar ou como me produzir como sujeito? (DELEUZE, 2005, p. 122)

Estamos em troca mútua. Enquanto tento provocar novos olhares sobre o mesmo assunto e assim produzir novas subjetividades, tentando deixar-me afectar pelas forças do lado de fora e provocar uma dobra no meu pensamento e quiçá de meus alunos, ao mesmo tempo sou provocada por eles e pelo mundo: eles, em algum momento, compõem a linha de fora que produzem relação comigo produzindo novos modos de subjetivação. Meus estratos, meus modos mais rígidos de ser, sendo penetrados por outras forças, como a literatura e a poesia, outros modos de vida, por outras realidades. As forças penetram em meu corpo, me transformam e isso me faz ser uma outra, afetando a pesquisa. Conforme a cartografia foi se movimentando outras forças foram ganhando vida, um processo onde a literatura afectou minha escrita, tornando-a mais lírica. Um lirismo toma conta de meus pensamentos e a escrita ganha um outro viés, com recursos estilísticos que buscam dar sonoridade e cadência ao texto. Agora vivo um *it*, um instante-já que me faz pensar em outras práticas, em outros mundos. Um exercício de pensar a prática pela própria prática. Parece que estou fazendo filosofia.

Dias de escritas, dias de silêncio. O aprendizado é constante e encantador. Está sendo apaixonante dissertar, onde experimento também uma nova escrita: juntamente com a literatura tento desequilibrar estruturas gramaticais, uma vez que um lirismo toma conta de minhas escritas atravessando modos rígidos de escrever um texto acadêmico. E exatamente

---

<sup>2</sup> Elas quem? Aqui nesta citação Gilles Deleuze refere-se às condições de formação do ser (que correspondem ao saber, ao poder e ao si), onde faço uma aproximação com as transformações, os devires que o digital e a vida podem fazer na formação de um professor

por ser provocada, pois o experimentar leitura de obras literárias acompanhou todo o processo de amadurecimento da pesquisa, desde quando era aluna especial, que trago para a escrita pequenos fragmentos, versos que costuram nosso texto em um todo. Fragmentos que alinhavavam o texto e produziam dobras no meu pensamento ao longo do processo e nas experimentações cartografadas: experimentando a vida, numa coexistência entre teoria e vida: onde começa e onde termina? Um rizoma!

Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo. (LARROSA; KOHAN, 2004, p.5)

E para a construção de um novo universo, é necessário *o cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem* (ROLNIK, 2014, p.23), estando mergulhado nas intensidades e linguagens que encontra. Estar atento aos acontecimentos possíveis de composição da cartografia, pois *o cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago* (ROLNIK, 2014, p.23), uma vez que vive a devorar diferentes matérias de expressão. Assim, a cartografia é o método de pesquisa que utilizamos para dar conta dessa empreitada. A cartografia enquanto método foi desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, como um princípio do conceito filosófico de rizoma, onde eles referem-se à cartografia enquanto um acompanhar de processos em produção, percursos, rizomas e conexão de redes, onde o pensamento é menos uma representação e mais um acompanhamento da engenharia que é o pensamento, *inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real* (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.21), onde não há nem um mesmo sentido nem uma única entrada nem uma mesma entrada na experimentação cartográfica: há uma multiplicidade na realidade cartografada, onde aquilo que pretensiosamente pode parecer o centro da organização do rizoma, não é real, porque rizoma não tem centro (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010).

Então podemos repensar nossa prática pela própria prática e experimentar as mídias e os outros artefatos juntamente com a literatura e a escrita na educação enquanto uma escolha ética e estética da existência, como



diz Foucault. Por que não pensar nessa proposta? *O que me proponho é fazer vibrar esse desejo de realidade com essas práticas e esses discursos que chamamos de investigação educativa* (LAROSSA, 2008, p.186).

Trabalhar com redes sociais também pressupõe a ideia de movimento, pois as redes não são estáticas, assim como a vida. Navegar também pressupõe ritmo, também pressupõe movimento. Precisava habitar um território e, sendo assim, também criei meu *Tumblr*<sup>3</sup>

Há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos. Há território a partir do momento em que há expressividade do ritmo. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.121 apud Kastrup, 2010)

Temos uma revolução na produção do desejo e isso é processual, onde a *população está sendo tomada por um processo galopante de desterritorialização*<sup>4</sup> (ROLNIK, 2014, p.87); e a vida é feita de histórias, da experiência (aquilo que nos passa, conforme Jorge Larrosa), dentro dessa literatura, desse jogo de linguagem, com o intuito de causar uma desacomodação no indivíduo, enquanto criação de um novo conceito, de uma nova maneira de pensar. Ou seja, restitui ao pensamento sua potência criadora, seu ato de pensar está relacionado à invenção, o pensamento enquanto estilo criador como Gilles Deleuze ensina.

“Práticas de si” que atravessam nosso fazer educacional determinando também quem somos, porque

o essencial é que ele possa considerar a frase retida como uma sentença verdadeira no que ela afirma, adequada no que prescreve, útil de acordo com as circunstâncias em que nos encontramos. A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar; ou, mais precisamente uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma

<sup>3</sup> O endereço do *Tumblr* é: <https://loulou-santos.tumblr.com>

<sup>4</sup> Territorialização-Desterritorialização-Reterritorialização são conceitos desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari onde acontece uma modificação na forma de ser, pensar, uma subjetivação provocada por forças sociais, políticas e econômicas onde podemos passar de um território a outro, transformando-nos

e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso.  
(FOUCAULT, 2010, p.151)

A leitura e a escrita passam a constituir um corpo, o próprio corpo daquele que escreve, pois nossas escritas advém de nossas leituras e transcrevemos para os territórios nossas apropriações e verdades, transformando o visto, ouvido e pensado *em forças e em sangue* (FOUCAULT, 2010, p.152), uma vez que *um pensamento se atualiza num texto e um texto numa leitura* (LÉVY, 1996, p.43). Um exercício solitário, mas de extrema conexão com o outro: uma elaboração de si mesma com o provocar do outro sem a real aproximação, onde quem está ensinando também está se instruindo (FOUCAULT, 2010). Uma reciprocidade entre corpos digitais onde

o duplo trabalho que se realiza simultaneamente em seu correspondente e em si mesmo: recolher-se em si mesmo tanto quanto possível; ligar-se àqueles que são capazes de ter sobre si um efeito benéfico; abrir sua porta àqueles que têm a esperança de se tornarem melhores. (FOUCAULT, 2010, p.154)

Um ir e vir de sensações que recheia meus dias de leitura, meditação e escrita desta dissertação onde *sonhar é encontrarmo-nos* (PESSOA, 2016, p.409). Um cuidar de si que reverbera em outros também, um exercício ético de ser e estar presencial e digitalmente.

Não digo que a ética seja o cuidado de si, mas que, na Antiguidade, a ética como prática racional da liberdade girou em torno desse imperativo fundamental: “cuida-te de ti mesmo”. (FOUCAULT, 2010, p.268)

Assim, nossa multiplicidade interna pode ser provocada pelo fora, pelas forças exteriores, pelas publicações nos *Tumblrs* e pelos outros artefatos que tornam-se dispositivos (um livro, um seminário, um vídeo), porque *o devir não produz outra coisa senão ele próprio* (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.18). Então pensamos que os *Tumblrs* podem ser corpos, corpos digitais que provocam um devir em contato conosco

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que ele pode, isto é, quais são seus afectos, como eles podem ou não compor-se com outros afectos, com os afectos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para

trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.43)

Mas então, a vida não é uma constante experimentação? Acreditando nesta incerteza que minha intenção é provocar poeticamente o devir. Um jogo digital que experimento com as minhas leituras, onde as próprias leituras provocam sensações que por ora ficam transitando em meu corpo e por outras vezes potencializam meus pensamentos. Um efeito que busco oferecer a quem me lê, numa coexistência digital que penso em proporcionar de maneira estética: uma estética de vida que busca a vida. Uma maneira poética de existência que o universo digital permite, onde o virtual pode se tornar possível. Experimentações que a literatura me trouxe e assim está me transformando: um novo modo de ser que hoje interage com o mundo, digitalmente.

### Referências

- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Organizador Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Tradução Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LARROSA, Jorge. **Desejo de realidade – Experiência e alteridade na investigação educativa**. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (Orgs.). **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Rio de Janeiro: Autêntica Editora, 2008.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- PESSOA, Fernando. **Poesias**. Porto Alegre: L&PM, 1996.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.